

ELLIOTT, John Huxtable. *Scots and Catalans: Union and Disunion*

New Haven: Yale University Press, 2018. 360 p.

9780300234954 (hardcover).

*Alberto Airton Amendola Gandolfo**

Graduando em História pela Universidade de São Paulo (USP)

Monarquias compósitas e identidades nacionais: os casos da Escócia e da Catalunha

Palavras-chave História da Catalunha - História da Escócia – Identidades separatistas.

Composite Monarchies and National Identities: The Scotland and Catalonia cases

Keywords History of Catalonia – History of Scotland – Separatist identities.

Monarquías compuestas e identidades nacionales: los casos de Escocia y Cataluña

Palabras clave Historia de Cataluña – Historia de Escocia – Identidades separatistas.

Submissão

14/07/2021

Aprovação

18/09/2021

Publicação

03/10/2021

* Gostaria de agradecer ao apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), que possibilita a condução de minha pesquisa, mesmo em tempos turbulentos e sem o qual essa resenha não seria possível. Também gostaria de agradecer à minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Iris Kantor, pela mentoria, motivação e disponibilização de acesso a materiais tão importantes, como a nova obra de Elliott, livro sobre o qual esse texto foi realizado. Faz-se importante salientar também que as opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do autor e não refletem, necessariamente, a visão da FAPESP.

Monarquias compósitas e identidades nacionais: os casos da Escócia e da Catalunha

Publicado em 2018, o livro *Scots and Catalans: Union and Disunion* é a mais recente obra do renomado historiador Sir John Huxtable Elliott. Com uma trajetória bem conhecida, o professor emérito da Universidade de Oxford, realizou sua formação acadêmica no Trinity College, Universidade de Cambridge, doutorando-se em história em 1963. Ao longo de sua carreira, Elliott se dedicou ao estudo dos quadros históricos hispânicos e catalães, especialmente durante a Época Moderna, com diversos trabalhos de renome,¹ tornando-se, assim, uma referência mundial para os estudos ibéricos, junto a outros grandes nomes da escola inglesa, como Charles Boxer e David Brading.

Para melhor compreender a concepção da obra que resenharemos, é importante introduzir outra característica de destaque do trabalho de Elliott: o uso do método da história comparada. Há muitas décadas o autor tem empregado essa metodologia para investigar os impérios europeus modernos e colocar em uma perspectiva global grandes problemas históricos, como suas formações e quedas e as relações entre o centro e a periferia das monarquias europeias. Como os principais exemplos do uso dessa abordagem, que também é utilizada em seu novo livro, destacamos as obras *Richelieu and Olivares* (1984) e *Empires of the Atlantic World: Britain and Spain in America 1492-1830* (2006). Essa opção de Elliott é um reflexo direto de sua trajetória acadêmica, muito marcada pela historiografia inglesa e a Escola dos Annales, o inspirando não apenas a utilizar o recurso da comparação para combater os excepcionalismos históricos nacionais, mas aproximar seu foco de estudo a um contexto mais familiar para seu público leitor na Inglaterra, abordando em seus trabalhos as semelhanças e as diferenças históricas de maneira sincrônica.²

O momento de publicação de *Scots and Catalans: Union & Disunion* é mais um ponto relevante para se levar em conta ao analisar a obra. Lançada poucos anos após o referendo de independência da Escócia, em 2014, e apenas um depois da tumultuada votação de 2017 na Catalunha, a obra dialoga diretamente com importantes eventos recentes, sobre os quais Elliott inclusive já havia declarado suas opiniões publicamente

1 Podemos citar dentre os mais notáveis: *Spain and its World 1500-1700* (1991) e *Imperial Spain* (2002).

2 Ver mais em: ELLIOTT, J. H. *España en europa: estudios de historia comparada*. Valencia: Universidad de Valencia, 2002.

em entrevistas ao *El País*,³ que precederam a publicação do livro. Não obstante, o conturbado contexto político contava ainda com discussões sobre a saída do Reino Unido da União Europeia (Brexit) e o fortalecimento de movimentos nacionalistas e partidos políticos separatistas em toda a Europa.

Com edição original pela *Yale University Press*, *Scots and Catalans* recebeu uma tradução em castelhano ainda em 2018, intitulada *Catalanes y escoceses: unión y discordia*, realizada por Rafael Sánchez Mantero, professor da Universidade de Sevilha, e publicada pela editora *Taurus*, selo do grupo Penguin. Vale citar também que a obra foi finalista do *Los Angeles Times Book Prizes*, de 2019, na categoria história, premiação já vencida por historiadores como Fernand Braudel.

Quanto aos objetivos da obra, o autor se propõe a reconstituir a história da Escócia e da Catalunha a partir de temáticas comuns, destacando as similaridades e diferenças das conjunturas históricas que se desenvolvem nesses territórios, desde suas respectivas uniões dinásticas às configurações das monarquias inglesa e espanhola, até os dias atuais. Vale ressaltar que semelhante proposta foi empregada por Elliott na já citada *Empires of the Atlantic World: Britain and Spain in America (1492-1830)*,⁴ em que o autor realiza um exercício de história comparada entre as colonizações dos Impérios britânico e espanhol no continente americano dos séculos XV a XIX.

Outra busca central de *Scots and Catalans* é explorar como se constroem os contextos de maior união e desunião de escoceses e catalães com britânicos e espanhóis, com ênfase nas semelhantes motivações e períodos em que essas flexões se sucederam. Por meio desses exercícios de aproximação, Elliott se empenha em demonstrar que a Catalunha e a Escócia compartilham similaridades históricas únicas e que essas experiências compartilhadas podem iluminar aspectos da construção estatal europeia dos últimos cinco séculos, e também da formação dos movimentos nacionalistas e separatistas que esses casos inspiraram.

Para atender a esses objetivos, propõe uma periodização de longa duração, desde o casamento de Fernando de Aragão e Isabel de Castela, em 1469, até a ascensão dos movimentos nacionalistas catalães e escoceses em tempos recentes (1975-2017). Levando em conta o fato de que Aragão e Castela se unem em finais do século XV e a Inglaterra e a Escócia somente no início do século XVII, Elliott suprime a relação entre a Catalunha e a Espanha no século XVI para abordar os momentos da união dinástica deles no primeiro capítulo da obra.

3 Disponível em: <https://elpais.com/cultura/2013/01/03/actualidad/1357231797_126057.html>; <https://elpais.com/cultura/2017/10/25/actualidad/1508937769_136581.html>. Acesso em: 23 jun. 2021.

4 New Haven: Yale University Press, 2006.

A forma utilizada para navegar pelo recorte é outro interessante aspecto do livro, já que Elliott opta por transitar entre a história da Escócia e da Catalunha sem separações de uma para a outra, abordando os temas dos capítulos com o claro intuito de conduzir o leitor a uma comparação ativa de todas as problemáticas levantadas e de associação direta entre o que acontecia nas terras escocesas e nas terras catalãs.

Sobre a bibliografia da obra, Elliott utiliza trabalhos de autores dos diversos períodos da historiografia escocesa e catalã pós século XV, dentre eles, figuras renomadas, como o especialista no século XVII escocês Conrad Russell e Pablo Fernández Albaladejo, conhecido por seus notáveis estudos sobre a Espanha no século XVIII. No que se diz respeito às fontes, *Scots and Catalans* nos apresenta algumas pouco conhecidas, como relatos e cartas de catalães e escoceses em diferentes épocas do recorte temporal, buscando apresentar como a consciência coletiva se manifestava nessas regiões em meio a determinadas conjunturas históricas, curiosas adições a uma documentação amparada majoritariamente sobre fontes estatais.

Estruturalmente, a obra é dividida em seis capítulos organizados de forma cronológica e que englobam cerca de um século cada, com exceção do primeiro, já explicado anteriormente, e do último, referente ao período pós década de 1970. Cada capítulo, por sua vez, possui uma divisão interna em subcapítulos, que antecipam as problemáticas a serem abordadas naquela parte do texto, referentes aos temas mais relevantes de cada época. Em perspectiva, há um equilíbrio entre o conteúdo dedicado ao estudo da Escócia e da Catalunha, com exceções pontuais para temas ou eventos mais importantes para uma ou outra em determinado capítulo.

O primeiro capítulo aborda o período de união dinástica e se estende de 1469 até 1625, explorando três temas: os antecedentes para a união; mitos de fundação; e união e dissenso. Neles, Elliott trabalha os prelúdios do casamento de Fernando e Isabel, em 1469, que liga as Coroas de Aragão (Catalunha) e Castela, e as primeiras décadas da União anglo-escocesa, iniciada a partir da ascensão de Jaime VI, da Escócia, ao trono da Inglaterra, em 1603. Importante ressaltar aqui que a União espanhola parte da Coroa dominante (Castela) e a britânica da Coroa menos poderosa (Escócia).

Outra temática central do capítulo é sobre as fundações culturais e identitário-mitológicas de uma Espanha e de uma Grã-Bretanha unidas, que são revigoradas nos períodos próximos às uniões dinásticas. Essas fundações encontravam suas raízes na lenda do rei Arthur, no caso britânico, e nos reinos visigodos-cristãos do período medieval, no espanhol. As bases dessas uniões, contudo, começam a se fragilizar com o distanciamento de interesses entre as Coroas de menor poder e as dominantes, chegando ao clímax com o falecimento de Jaime VI, da Escócia, ou Jaime I, da

Inglaterra, em 1625, e por conta da atuação do conde-duque de Olivares nas primeiras décadas do século XVII na Catalunha.

No segundo capítulo, Elliott explora as primeiras grandes rebeliões e suas repercussões para escoceses e catalães, assim como a conjuntura de tensão sucessória posterior, englobando o período de 1625 a 1716, com especial atenção a quatro problemáticas: estradas para a rebelião; as consequências da rebelião; crise de sucessão; e o momento de escolha. Aqui, o autor dá continuidade aos problemas introduzidos ao final do primeiro capítulo, em particular, visa explorar o temor que escoceses e catalães nutriram dos movimentos centralizadores das Coroas dominantes durante a primeira metade do século XVII, e como esse sentimento se transforma em rebeliões. Cabe salientar ainda que as questões militar e econômica eram as mais importantes para o descontentamento na Catalunha, enquanto na Escócia, eram as questões religiosas que tinham centralidade.

Com a derrota dessas rebeliões, as Coroas menos poderosas são reintegradas às suas respectivas uniões dinásticas com diferentes consequências. Enquanto a igreja presbiteriana escocesa é completamente subordinada ao clero anglicano inglês, a Catalunha sofreu com punições mais lenientes, em especial, por conta da promessa de Filipe IV, em 1644, de respeitar as constituições catalãs caso o Principado voltasse ao domínio espanhol, desse modo, implementando apenas reformas administrativas menores após sua reintegração. Poucas décadas depois se instauraram crises sucessórias quase simultâneas nos Impérios espanhol e inglês, que desestabilizaram novamente a relação entre essas Coroas e seus domínios. Tais crises se desenvolvem de maneiras bem diferentes, contudo, no que Elliott denominou como “momentos de escolha”.

Na Escócia, apesar das tensões com a Inglaterra acerca da ascensão ao trono de Ana, da Grã-Bretanha, em 1702, uma resolução pacífica é negociada entre as partes, em que os escoceses aceitaram uma integração maior entre as Coroas, que possibilitou a formação do Reino da Grã-Bretanha, em contrapartida, receberam vantagens econômicas, como o acesso ao mercado inglês e às colônias do Império. Na Catalunha, por sua vez, após se colocarem inicialmente a favor da chegada de Filipe V ao trono de Madrid, em 1700, em troca da manutenção de seus *fueros*,⁵ os catalães, motivados por fatores como o sentimento local anti-francês e as vitórias militares iniciais da aliança austríaca contra os Bourbon na Guerra de Sucessão Espanhola (1701-1714), se aliam aos Habsburgo. A aliança austríaca, entretanto, acaba derrotada e a Catalunha é reincorporada ao reino da Espanha com severas punições, realizadas por meio do

5 Conjunto de privilégios e legislações próprias da Catalunha que limitavam o poder real na região e possibilitavam um alto grau de autonomia dentro da coroa espanhola.

Decreto da Nueva Planta (1716), que, dentre outras medidas, extingue o status de principado da região, assim como seus *fueros* e constituições próprias. Essencialmente, a Catalunha tinha entrado em guerra contra a dinastia que controlava o trono espanhol e foi derrotada e integrada militarmente a um novo projeto centralizador borbônico. Já a Escócia, foi integrada de maneira negociada e pacífica ao projeto britânico, com espaços reservados no Parlamento e a manutenção de leis locais.

No terceiro capítulo, Elliott coloca seu foco sobre as repercussões do período de crises para as Coroas dominantes e as diferentes formas de incorporação adotadas por elas sobre seus domínios durante o século XVIII, em especial, como elas interferiram no desenvolvimento econômico, científico e cultural deles, trabalhando os seguintes assuntos: formas de união; o impacto da união incorporacionista; novas oportunidades; e níveis de iluminação.

Apesar da superação dos conflitos dinásticos do início do século XVIII, importantes consequências se configuraram para a Espanha e a Grã-Bretanha nas décadas seguintes com a formação de facções contrárias aos novos soberanos, caso dos bandos *austracista*⁶ e *jacobita*,⁷ especialmente fortes em terras catalãs e escocesas, respectivamente. Contudo, esses grupos opositores evoluíram de modo diferente. Enquanto na Catalunha os *austracistas* perdem suas esperanças do retorno da dinastia Habsburgo ao trono espanhol com a morte de Carlos VI (1685-1740), na Escócia a forte presença *jacobita*, em especial nas *highlands*,⁸ serve de base para diversas tentativas de recuperação do trono britânico pela dinastia Stuart, com invasões, desde 1708, com Jaime Stuart, seguida de conflitos menores intermitentes nas décadas seguintes, até a última tentativa de grande invasão, em 1745, sob comando de Carlos Eduardo Stuart, que também acaba reprimida pelos ingleses.

Com a posterior estabilização interna, Elliott afirma que a permanência dos projetos uniformizadores, com a superação desse período de instabilidade, propicia uma maior proximidade de escoceses e catalães com ingleses e castelhanos, fato que representou grandes oportunidades para as regiões de menor poder, principalmente na esfera econômica, com a exploração dos mercados coloniais, antes exclusivos das Coroas dominantes. As novas experiências econômicas e culturais, capacitadas pelo comércio ultramarino, fazem surgir uma renovada dinâmica naquelas regiões, com

6 Denominação dada aos apoiadores da dinastia Habsburgo durante a Guerra de Sucessão Espanhola.

7 Denominação dada aos apoiadores da dinastia Stuart em suas tentativas por recuperar o trono britânico no século XVIII.

8 Nomenclatura dada à região geográfica acidentada do norte escocês, conhecida no período pelo forte banditismo e poder de senhorios locais. É especialmente usada em oposição às *lowlands*, parcela territorial no sul da Escócia, mais urbana e próxima à Inglaterra.

desenvolvimentos industriais, sociais, intelectuais e criativos, menos prestigiados e tecnicistas na Catalunha, enquanto na Escócia se desenvolveu o célebre Iluminismo escocês.

No quarto capítulo, Elliott explora a construção das nações e dos Estados modernos britânico e espanhol, em especial, como suas bases conceituais e narrativas nacionais reverberaram na Catalunha e na Escócia, formando o fenômeno do patriotismo duplo, além de trabalhar as consequências do desenvolvimento industrial nessas regiões. Para tanto, parte do ano de 1789 e vai até 1860, seguindo os seguintes conteúdos: patriotismo duplo; industrialização e suas consequências; e narrativas nacionais.

Com um contexto europeu de maior estabilidade e relativa paz na Europa Ocidental no período que precedeu a Revolução Francesa, uma forte industrialização e desenvolvimento agrícola e populacional é impulsionada tanto na Catalunha quanto na Escócia. Esse crescimento traz consequências distintas para cada região, muito atreladas às diferenças dos governos imperiais em que estavam inseridas. Enquanto a Espanha, atrasada tecnologicamente e em profunda crise financeira há um longo período, encontrava no vigor catalão um refúgio para suas receitas, a Inglaterra possuía um forte dinamismo econômico e servia como um exemplo para a Escócia, além de deixar as terras do norte com maior liberdade e menor taxaço.

No âmbito cultural e político, o quadro muda bruscamente com a explosão da Revolução Francesa e com o efervescer do Romantismo, que dão um impulso à reconstrução das narrativas nacionais. No caso escocês e catalão, a cultura local se consolida como marco próprio dessas comunidades, mas, em decorrência dos séculos de união, é também influenciada por um sentimento de pertencimento às Coroas maiores, fenômeno que Elliott denomina de patriotismo duplo. Cabe salientar que esse sentimento é flexível, pois, em determinados períodos, o corpo social se sentiria mais catalão ou escocês, enquanto em outros haveria um maior pertencimento em ser britânico ou espanhol.

O penúltimo capítulo traz as demandas por autogoverno e reparação por parte dos territórios integrados, expressadas por meio da busca por uma maior autonomia local. Outra questão abordada são as consequências do período das Grandes Guerras para escoceses e catalães. Elliott se debruça, portanto, sobre os anos de 1860 a 1975, com enfoque sobre as seguintes questões: ressentimento e reparação; transformações pós Guerra; a tragédia espanhola e o consenso britânico.

Nessa parte são trabalhados os impactos dos movimentos políticos, culturais e ideológicos do final do século XIX e início do XX, que fazem surgir diversas demandas

por maior autonomia dentro das comunidades culturalmente não assimiladas dos Estados plurinacionais europeus (caso de escoceses e catalães). Em especial, o voto e as constituições nacionais ascendem diversos questionamentos nessas regiões, o que fortalece a demanda por uma reparação em forma de descentralização econômica e política. Tais reparações aconteceram por um período durante a Segunda República Espanhola (1931-1939) e, de maneira mais conservadora, na Grã-Bretanha pré Churchill.

Contudo, esse movimento de descentralização é interrompido pela Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e a subsequente Guerra Fria (1947-1991), colocando as demandas por reparação dos nacionalismos oprimidos novamente em segundo plano. Ao chegar nesse ponto, Elliott aborda, em separado, as atitudes dos governos centrais frente às culturas escocesa e catalã pós Segunda Guerra. A tragédia espanhola, como denomina, foi a maneira opressiva e violenta que o franquismo empregou ao lidar com os nacionalismos regionais, fazendo com que problemas ancestrais fossem ressuscitados e novos problemas criados. Nas ilhas britânicas o cenário era diferente, pois, apesar das tensões existentes e de seu agravamento no período, há um grau de diálogo entre Inglaterra e Escócia, e as demandas locais consideradas viáveis eram resolvidas — situação que variava de acordo com os diferentes mandatos políticos, mas que se manteve relativamente estável durante o período.

No capítulo final, Elliott trata das últimas décadas do século XX e as iniciais do XXI, abordando as concessões descentralizadoras de tempos recentes e criticando a ressignificação histórica por parte dos movimentos separatistas escocês e catalão, trabalhando, em específico, as seguintes pautas: mudanças constitucionais; a forja de um estado e a via para a quebra. Por meio delas o autor analisa as tentativas dos estados nacionais da Espanha e da Grã-Bretanha em aplacar as minorias culturais, especificamente as medidas de garantir a igualdade de status na constituição dos países e o fortalecimento de um discurso plurinacional espanhol e britânico.

Contudo, questões econômicas e o não esquecimento dos antigos ressentimentos possuem muita força na conjuntura atual, e os movimentos separatistas catalão e escocês utilizam fortemente de uma ressignificação da memória histórica para se fortalecer, alimentando um sentimento anti-Madrid e anti-Londres. Essa atitude, que Elliott adjetiva como destrutiva, pavimentada a ruptura com os Estados espanhol e britânico como a única saída que realmente satisfaria as demandas locais e corrigiria os erros do passado.

Ao analisar a rápida escalada das demandas nacionalistas trabalhadas no capítulo, Elliott argumenta que as problemáticas relacionadas às diferenças culturais e identitárias dos Estados europeus multiculturais emergem com força após o período de guerras do

século XX. Isso se daria porque o período anterior configurava uma forte repressão àquelas demandas locais, e seu fim causaria uma explosão dessas insatisfações.

Para Elliott, portanto, com o fim da estrutura bipolar da Guerra Fria, essa demanda reprimida vem à tona, impulsionada por outros fatores que colocam ainda mais pressão sobre as insatisfações dessas comunidades, como a massificante globalização e os desmembramentos de estruturas plurinacionais do antigo bloco comunista (como a Iugoslávia e a Tchecoslováquia). Essas demandas buscavam, a princípio, uma maior autonomia regional ou municipal, e se amparavam politicamente sobre os ideais de direitos humanos e liberdade. Gradualmente, contudo, as agendas subiram o tom contra os governos centrais, algo que foi ainda mais forte em regiões que se consideravam oprimidas historicamente, como a Escócia e a Catalunha.

Antes de nossa conclusão, dedicaremos ainda espaço nessa resenha para citar brevemente algumas das recensões críticas que abordaram *Scots and Catalans* em anos recentes, especificamente, os trabalhos de cinco especialistas de renomadas universidades, a começar pela breve resenha de Andrew Moravcsik,⁹ da Universidade Princeton, à *Foreign Affairs*. Em seu escrito, o professor elogia o detalhado trabalho de Elliott, mas procura criticar aspectos de sua obra que demonstrariam seu caráter de “velha-guarda” e seu ponto de vista “datado” sobre um assunto político tão “vibrante” como o tratado na obra. Outra análise vem do membro da Sociedade Real de Literatura da Grã-Bretanha, Sir David Gilmour,¹⁰ formado na Universidade de Oxford, para a *Literary Review*. Em seu texto, Gilmour se posiciona em concordância com as críticas de Elliott aos movimentos separatistas escocês e catalão, no que considera fúteis buscas por novas independências “de enfeite” em um contexto de globalização em massa. O trabalho do catedrático da Universidade de Caen-Normandia, Alain Hugon,¹¹ ao *Bulletin of the Comediantes*, por sua vez, tem foco em uma profunda exploração do conteúdo do livro e sua relação com eventos recentes; para ele, a obra de Elliott falha ao não analisar a conjuntura de ascensão nacionalista, ou separatista, em um panorama global. Em seu escrito para o *The Journal of Interdisciplinary History*, o professor da Universidade de St. Andrews, Jordi Larios,¹² expõe um posicionamento pró-independência catalã e atenta para o fato de que a obra de Elliott tende a enxergar a política espanhola sob o prisma do nacionalismo espanhol, algo que estaria presente

9 “Capstule review: *Scots and Catalans: Union and Disunion*, by John Elliott”. v. 97, n. 6, p. 216-217, 2018.

10 “Put out more flags?”. v. 470, 2018.

11 “Scots and Catalans: Union and Disunion by J. H. Elliott (review)”. v. 71, n. 1-2, p. 259-263, 2019.

12 “Scots and Catalans: Union and Disunion by J. H. Elliott (review)”. v. 50, n.3, p. 452-453, 2020.

principalmente no último capítulo. A respeito da resenha de Santiago Zabala,¹³ da Universidade Pompeu Fabra, para a *Common Knowledge*, destacamos que o filósofo coloca em perspectiva a situação da União Europeia (em referência ao Brexit) perante a Espanha e a Grã-Bretanha com os separatismos, fazendo coro a Elliott ao clamar por um “esforço imaginativo” dos governos centrais para lidar com os nacionalismos atuais a fim de evitar a desconstrução.

De maneira geral, Elliott envia uma clara mensagem por meio de *Scots and Catalans* sobre o recente aumento dos movimentos separatistas na Escócia e na Catalunha: em séculos de união e desunião, ambos os lados tem participação no quadro resultante, e deveriam trabalhar juntos para se distanciar das drásticas medidas defendidas pelo separatismo contemporâneo. Ainda que justifique a aparição dos movimentos, os separatistas, para o autor, representariam a radicalização e desfiguração dos ideais que trouxeram de volta as pautas de autogoverno e descentralização, visto que esses grupos estariam utilizando e ressignificando séculos de memória histórica em uma narrativa vitimista, inflada pelo ressentimento da opressão, especialmente forte no século XX, para reanimar, sem ponderação, os maiores agravos sofridos pelos escoceses e catalães em épocas anteriores.

Scots and Catalans se coloca desse modo como uma obra provocativa, rica em detalhes e de atualidade política e historiográfica, sendo sua leitura indicada a todos aqueles que se interessam pela configuração dos etnonacionalismos catalão e escocês desde o período moderno até a contemporaneidade. Apesar de suas qualidades, fazendo coro à crítica de Hugon, a obra realmente negligencia a ascensão nacionalista global de anos recentes e coloca apenas sobre o fim da Guerra Fria e a explosão de demandas reprimidas os motivos para a ascensão dos separatismos atuais. Outra crítica que colocamos é sobre qual seria a real possibilidade de uso da obra para compreender outros nacionalismos, como almeja Elliott. Apesar da história catalã e escocesa serem dois excelentes estudos de caso e dividirem semelhanças únicas, nos parece limitado o número de outros lugares em que se dariam conjunturas tão semelhantes e tão próximas temporalmente, uma vez que, nessa proximidade coetânea, está um ponto essencial para a configuração das similaridades entre as comunidades.

13 “Scots and Catalans: Union and Disunion by J. H. Elliott”. v. 26, n. 3, p. 439-440, 2020.